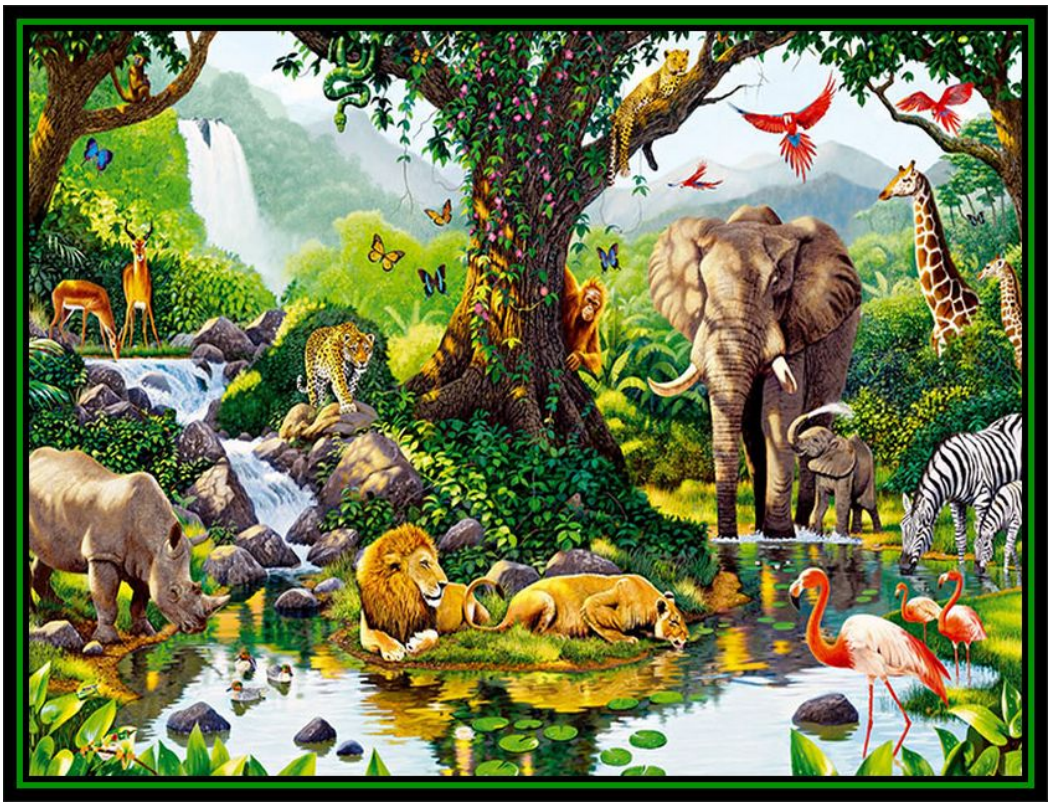
Colônia espiritual “Rancho Alegre” para animais

Muito se tem falado nesse tema. Muitos ensinam que os animais, depois da morte, vão para uma linda colônia espiritual, chamada Rancho Alegre, onde os animais ficariam juntos, em deleite das belezas naturais de lugares no mundo dos Espíritos. Parece bonito, mas é importante lembrar que o Espiritismo não pode ser feito sobre ideias que não tenham sido validadas pela metodologia científica necessária, porque, do contrário, falsas ideias podem gerar enganos, erros e apegos em nossas mentes.



O que diz a ciência espírita

Kardec, em O Livro dos Espíritos, apresenta importantes conceitos sobre os animais:

> *597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?*
>
> *“Há, e que sobrevive ao corpo.”*

a) – Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?

"É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus."

598. Após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma?

"Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente."

599. À alma dos bichos é dado escolher o animal em que encarne?

"Não, pois que não possui livre-arbítrio."

Os animais, tem, portanto, uma alma, ou Espírito. Contudo, esse Espírito, apesar de não ser uma máquina, ainda não tem **consciência** de seu próprio "eu". Não tem, portanto, livre-arbítrio, pois este vem com a consciência das leis de Deus:

621. Onde está escrita a lei de Deus?

"Na consciência."

É quando o homem adquire a consciência que, com ela, adquire o livre-arbítrio. Antes, ele é imperado pelos instintos: a fome o chama a comer, o medo o chama a se proteger, a raiva serve para se defender. Ao adquirir o livre-arbítrio, passa a ter a livre escolha, de onde nascem erros e acertos. Dos erros, pode nascer um aprendizado ou uma paixão, que é quando o indivíduo **escolhe** utilizar o instinto para fortalecer um mau hábito que lhe cause algum tipo de regozijo. Disso, nasce uma imperfeição, que custará para ser vencida através das encarnações.

Animais não tem sofrimento moral, nem necessidade de refletir sobre eles

O animal, porém, **não está nesse patamar evolutivo**, ainda. Quando o leão mata a zebra, não está cometendo um mal, mas, sim, um bem, pois está agindo segundo as leis de Deus. **O animal, portanto, não tem culpa, não tem**

arrependimento, enfim, não tem sofrimento moral (embora alguns animais aprendam, no contato com o ser humano, a esboçar reações similares). Vem daí que **o Espírito vivendo a fase do animal não necessita do período entre as vidas para aprender e refletir**, pois seu aprendizado, por enquanto, se dá diretamente no contato com a matéria, vivendo sob o instinto e sob alguma capacidade de vontade que, contudo, não representa o livre-arbítrio, o que coloca abaixo a ideia de uma colônia espiritual Rancho Alegre.

> *600. Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem?*
>
> *"Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante.* ***O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade****. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito.* ***O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente; não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas****."*

Já para o Espírito humano, o período de erraticidade, entre uma encarnação e outra, é necessário ao seu adiantamento e ao seu aprendizado:

> *227. De que modo se instruem os Espíritos errantes? Certo não o fazem do mesmo modo que nós outros?*
>
> *"Estudam o seu passado e procuram meios de elevar-se. Veem, observam o que ocorre nos lugares aonde vão; ouvem os discursos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados, e tudo isso lhes incute ideias que antes não tinham."*

Precisamos retornar a Kardec

Portanto, amigos, reflitamos sobre a doutrina esquecida pelo Movimento Espírita brasileiro. **Os livros de Kardec não nasceram por sua autoria**, mas pelo estudo dedicado, organizado e metodológico da universalidade dos ensinamentos dos Espíritos. **Na Doutrina Espírita, existe uma construção, onde cada ponto está firmemente estabelecido sobre outro, anteriormente**

estabelecido, pelo mesmo processo. É necessário, portanto, tomar muito cuidado com os "novidadeiros" do Espiritismo, falando, quase sempre, de suas próprias opiniões. Não é demais lembrar que aquilo que as pessoas veem em estado de sono ou de sonambulismo (desdobramento) não represente, sempre, a verdade, podendo estar alterado por ideias e crenças pessoais.

Kardec sempre destacou a necessidade de a tudo julgar, frente à razão e à ciência, coisa que o Movimento Espírita não tem feito. Esse mesmo Movimento, esquecido voluntariamente disso, passou a aceitar as comunicações espirituais e as opiniões de médiuns em destaque como se fossem algo inquestionável... O que é um enorme erro, já que o papel de **qualquer médium** é transmitir a comunicação, cabendo aos demais julgá-la em questão de sua aceitação ou não, **e não cabendo ao médium melindrar-se por isso**.

Este artigo, enfim, é praticamente um grito, um rogo: estudemos Kardec, estudemos a suas obras, pois a base da ciência espírita, essa mesma base da fé raciocinada, aquela que, segundo o professor, "... só é aquela que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade", está fundamentada ali. Em suma: não, os animais não vão para a Colônia Espiritual Rancho Alegre, pois não precisam disso. Em verdade, nem nós, Espíritos mais evoluídos, precisamos: é um mito que, quando morrer, nossos Espíritos irão para quaisquer colônias esperituais, tomar sopinha e descansar, porque o Espírito não precisa de nada disso.

O difícil trabalho de desobsessão

Kardec assim define a **obsessão**:

> *A obsessão é a ação persistente que um malvado Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito distintos, desde a simples influência moral sem marcas externas sensíveis até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade auditiva e psicográfica, ela se traduz pela* ***obstinação de um Espírito em se manifestar com a exclusão dos demais****.*

> *A obsessão é quase sempre o fato de uma vingança exercida por um Espírito e que o mais frequente tem origem nas relações que o obsedado tenha tido com aquele em uma existência anterior.*
>
> *Nos casos de obsessão grave, o obsidiado é envolvido e impregnado por um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repulsa. É desse fluido que se torna necessário se desembaraçar; ora, um mau fluido não pode ser repelido por outro mau fluido. Por uma ação idêntica à do médium curador, no caso de doenças, é necessário expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor.*
>
> *Essa é a ação mecânica, mas que nem sempre é suficiente. É preciso também, e sobretudo, atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso ter o direito de falar com autoridade, e essa autoridade só é dada pela* ***superioridade moral****; quanto maior ela for, maior será a autoridade.*
>
> *Allan Kardec, A Gênese, 1868*

A obsessão se dá de Espírito para Espírito, mesmo de encarnado para encarnado e tem, na sua raiz, sempre uma falta de capacidade inicial de lutar contra uma influência perniciosa. Vemos isso nas relações doentias de casais, quando um exerce um domínio pernicioso que não é *combatido* pelo outro. Quando se dá de Espírito para encarnado, na origem, identifica-se a falta de capacidade, do encarnado, de identificar a influência perniciosa sobre suas próprias imperfeições e paixões (sentimentos), levando-o, lenta e progressivamente, a entrar em estados diversos como os de prazer, inquietação, melancolia, etc. Isso quer dizer que, muitas vezes, o próprio encarnado aceita voluntariamente, embora inconscientemente, a influência que o instiga ao cultivo das imperfeições ou dos hábitos que o agradam.

Existe também a possibilidade menos frequente de haver uma auto-obsessão, onde o próprio indivíduo se prenda a certos pensamentos ou a certas questões, sem a participação de outros Espíritos. Vamos tratar de cada uma dessas possibilidades a seguir.

Importa dizer, antes de mais nada, que a obsessão precisa ser combatida, o quanto antes, pela vontade do encarnado, em primeiro lugar. Acontece que, se a obsessão estiver avançada, essa vontade pode estar obliterada, o que é muito

comum nos casos identificados como depressivos. É aí que é necessário haver uma intervenção, de pessoas próximas, que possam auxiliar, com persistência benevolente, a soerguer essa vontade inexistente ou apagada. Por esse motivo, cremos importante destacar o estado de subjugação e os de possessão, definidos assim por Kardec:

Subjugação

> *É uma ligação moral que paralisa a vontade de quem a sofre e que impele a pessoa às mais desarrazoadas atitudes, frequentemente as mais contrárias ao seu próprio interesse. [RE, out/1858]*

> *A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é um tipo de fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes. [O Livro dos Médiuns]*

Possessão

> *Dava-se outrora o nome de possessão ao império exercido por maus Espíritos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. [O Livro dos Médiuns]*

> *Na possessão, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz eleição de domicílio em seu corpo sem que, contudo, este o deixe definitivamente, o que não pode ter lugar senão com a morte. A possessão é, pois, sempre temporária e intermitente porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar e a dignidade de um Espírito encarnado,* ***atentando que a união molecular do perispírito e do corpo só pode se operar no momento da concepção****.*

> *O Espírito, na posse momentânea do corpo, serve-se dele como do seu próprio; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, atua com seus braços como se tivesse*

feito de sua vivência. Não é mais como na mediunidade psicofônica, na qual o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado. É este último ele próprio que fala e que atua e se o tiver conhecido em vida, reconhecê-lo-á pela sua linguagem, sua voz, pelos seus gestos e até pela expressão de sua fisionomia.

A obsessão é sempre uma ocorrência de um Espírito malfeitor. ***A possessão pode ser a atuação de um bom Espírito que quer falar e, para causar maior impressão em seu ouvinte, toma emprestado o corpo de um encarnado, que lhe empresta voluntariamente como se emprestasse sua veste****. Isso se faz sem* ***nenhuma perturbação nem mal-estar****, e durante esse tempo o Espírito se encontra em liberdade, como no estado de emancipação, e, mais frequentemente ele se coloca ao lado de seu substituto para escutá-lo.*

Quando o Espírito possessor é mau*, as coisas se passam diferentemente.* ***Ele não toma emprestado o corpo, mas se apodera se o titular não possuir força moral a lhe resistir****. Ele o faz por maldade para com o dito, a quem tortura e martiriza de todas as maneiras, até querer fazer com que pereça, seja pelo estrangulamento, seja colocando-o no fogo, seja em outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do desditoso paciente, insulta, difama e maltrata os que o cercam; libera-se a essas excentricidades e a atos que tenham todas as características de loucura furiosa. [A Gênese]*

Vemos, assim, a extensão do mal ao qual se pode chegar com uma influência não combatida. Chegamos ao ponto importante: como combater uma obsessão.

Combatendo uma obsessão

Seja por iniciativa própria, seja com a ajuda de alguém, o combate a uma obsessão deve abranger todos os envolvidos. Quando se trata de uma auto-obsessão, esse será o único alvo; a abordagem será outra quando houver a relação entre uns e outros indivíduos. No caso da obsessão de encarnado para encarnado, o trabalho poderá ser muito auxiliado pela psicologia humana, mas também pela abordagem junto ao obsessor encarnado que, por sua vez, quase sempre, também está sofrendo um quadro de obsessão. Dependendo da gravidade desse quadro, de encarnado para encarnado, a interrupção da influência, mesmo

por meios legais, poderá ser necessária.

O quadro mais frequente, porém, é o da obsessão de Espíritos imperfeitos sobre encarnados. Como vimos, quase sempre ela se dá por ação de vingança. Outras vezes, se dá simplesmente pela vontade que um ou mais Espíritos imperfeitos têm de atrair para a infelicidade de que compartilham aqueles a quem invejam. Outra possibilidade que muito deve importar aos trabalhadores da Doutrina Espírita é a dos Espíritos que, inimigos dessa ciência, fazem de tudo para atrapalhar a sua propagação, criando verdadeiros planos malignos para atacá-la em suas bases, como foi o caso envolvendo o sr. Roustaing, na época de Kardec, e o sr. Leymarie, que, após a morte de Kardec, cedeu às paixões da fama e do dinheiro e, assim, destruiu e deturpou os caminhos anteriormente traçados pelo patrono da Doutrina Espírita, lançando, sobre esta, grande mancha que somente hoje começa a se apagar.

O trabalho de combate à obsessão espiritual, como dizíamos, deve abordar os dois lados da relação. Do lado dos Espíritos, um bom grupo espírita, suficientemente instruído e cuidadoso, poderá ser de grande auxílio, através do trabalho de desobsessão, que consiste em procurar fazer os Espíritos obsessores entenderem a perda de tempo e a inutilidade de fazerem o que fazem. Para isso, porém, os trabalhadores do grupo precisam oferecer aquilo que Kardec chamava de *ascendente moral*, isto é, precisam ser honestos e empenhados no trabalho de correção das próprias imperfeições, pois, muito comumente, os Espíritos obsessores apontarão para qualquer vestígio de desonestidade ou de demagogia, que é quando se diz uma coisa e se faz outra. O Espírito obsessor, por exemplo, quando convidado a deixar de agir por ciúmes, poderá se voltar e dizer: “quem é você para me dizer isso, se agiu assim ontem, com sua esposa?”. É claro, não esperamos que os encarnados sejam perfeitos, mas é necessário que sejam honestos e empenhados. Nessa situação, poderia o indivíduo replicar: “sim, eu infelizmente cedi a esse mau hábito, ontem, mas você deve ter visto que eu sofri com seus resultados. É por isso que, se tem me acompanhado, deve ter visto que estou tentando vencê-lo”.

Durante o contato mediúnico, o Espírito, que muitas vezes está tresloucado num pensamento fixo, sofre uma espécie de “choque”, que não consiste em nada energético, mas, sim, na contenção de seus pensamentos, durante a ligação perispiritual com o médium. Assim, torna-se mais fácil raciocinar e refletir.

O trabalho junto a um obsessor pode demandar persistência e cuidado, por diversas *sessões*, que poderão envolver a evocação do Espírito envolvido. Mas também é necessário abordar o encarnado, que precisa despertar, em si, a *vontade* de querer se libertar desse jugo. Para isso, será necessário levá-lo a raciocinar, também, para que, pela razão, tome essa decisão.

Na Revista Espírita de outubro de 1858, Kardec apresenta um caso do tipo, bem-sucedido, afinal:

> *Empreguei toda a minha força de vontade para chamar os bons Espíritos por seu intermédio; toda a minha retórica para lhe provar que era vítima de Espíritos detestáveis; que aquilo que escrevia não tinha senso, além de ser profundamente imoral. Para essa obra de caridade juntei-me a um colega, o Sr. T... e pouco a pouco conseguimos que escrevesse coisas sensatas. Ele tomou aversão àquele mau gênio, repelindo-o por vontade própria cada vez que tentava manifestar-se, e lentamente os bons Espíritos triunfaram."*
>
> ***Para modificar suas ideias, ele seguiu o conselho dos Espíritos, de entregar-se a um trabalho rude, que lhe não deixasse tempo para ouvir as sugestões más.***

O efeito sobre o Espírito também foi positivo:

> *O próprio Dillois acabou confessando-se vencido e manifestou o desejo de progredir em nova existência. Confessou o mal que tinha tentado fazer e deu provas de arrependimento. A luta foi longa e penosa e ofereceu ao observador particularidades realmente curiosas. Hoje o Sr. F. sente-se livre e feliz. É como se tivesse deposto um fardo. Recuperou a alegria e agradece-nos o serviço que lhe prestamos.*

É interessante notar que, nesse caso apresentado, o trabalho de Kardec foi ainda mais ativo com relação ao encarnado, porque, adquirindo essa vontade ativa e benevolente, este oferecerá o "ascendente moral" sobre esses Espíritos, que deixarão de perturbá-lo quando verificarem essa força, além de adquirir a simpatia dos bons Espíritos.

Portanto, instruir-se ao máximo na Doutrina Espírita, tirando dela todas as consequências morais e racionais que nos impulsionam no caminho da "reforma

íntima”, trabalhe sobre os próprios pensamentos e ações, medos e vontades, a fim de que, a cada dia mais, tudo esteja sob as leis divinas, é o melhor caminho para se manter livre das obsessões, pois, mesmo que o Espírito obsessor não se convença da necessidade de se reformar, poderá não mais encontrar abertura para influencia o encarnado.

Recomendamos a leitura aprofundada e complementar de O Livro dos Médiuns, parte segunda, Cap. XXIII, onde Kardec aborda o tema em extensão.

Criança é incendiada e morre em ritual para evocar espíritos malignos em Minas

Do jornal O Tempo:

> *Durante a seita, foram jogadas ervas e álcool no corpo da criança. Depois, o líder espiritual ateou fogo no corpo dela com o uso de uma vela. A menina teve quase 100% do corpo queimado. Os avós da criança, uma tia e a mãe dela estavam no ritual quando ocorreu o crime. Os familiares ficaram com queimaduras por tentarem apagar o fogo do corpo de Maria Fernanda.*

Infelizmente, esse é mais um dos casos que acreditávamos ter ficado no passado da bestialidade humana, mas que ainda hoje se reproduzem, e até mesmo em solo brasileiro. Muito longe de tal ato estar atrelado ao Espiritismo, está diametralmente oposto a ele, pois, do estudo da Doutrina, depreende-se que os Espíritos não requerem nenhum tipo de ritual, e a abordagem do caso seria totalmente diferente.

> *Na internet circulam informações que a criança estava doente e que o falso líder espiritual teria prometido uma cura durante o ritual, mas essa informação não foi confirmada pela Polícia Civil ainda*

Entendo, com isso, que o caso em questão foi uma espécie de exorcismo, prática esta condenada pelos próprios Espíritos:

477. *As fórmulas de exorcismo têm alguma eficácia sobre os maus Espíritos?*

> *"Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério."*
>
> *O Livro dos Espíritos*

Não demoremos em lembrar, para concluir, que a superstição e o misticismo tem um lado muito tenebroso, que é o de incutir no homem o medo das coisas naturais, para ele inexplicáveis. Pela ação dessas crenças, matam-se gatos, corujas e outros animais, acreditando-se em "mau agouro" e, infelizmente, até mesmo crianças, em rituais irracionais e absurdos.

Infelizmente, é mais um caso para manchar a reputação dos espiritualistas, mas também para motivá-los a **estudar** o Espiritismo a fim de conquistarem, nessa **ciência**, o conhecimento importante para se afastarem desse tipo de situação escabrosa.

A morte do filho de Cristiano Ronaldo: reflexões

Morreu, durante o parto, um dos bebês que a esposa de Cristiano Ronaldo estava esperando. Mais uma situação oportuna não somente para analisar friamente, mas para levar, ao mundo, a visão filosófica da Doutrina que abraçamos.

Em primeiro lugar, é necessário afastar os absurdos. Há quem diga que isso se deu por conta da ação do "carma", que, já sabemos, não existe. Então, como pode Deus permitir tal desgraça a uma alma que sequer deu os primeiros passos na escola da Terra?

De um lado, há a opinião do materialismo: não há Deus, não há Espírito, não há vida após a morte; há apenas a carne, e nós somos seres que vivemos do pó ao pó. Não cabe, aqui, uma digressão filosófica nesse sentido, já que essa visão está totalmente afastada de nossas ideias. Cabe apenas questionar: se assim fosse, seríamos meras máquinas, para as quais o bem e o mal nada representam, e onde o pior dos assassinos poderia ser igualado com o melhor dos humanitários. O bem, na verdade, não seria nada mais que uma ilusão e a vida na Terra não valeria absolutamente para nada.

Nos encontrando na linha daqueles que reconhecem a existência de Deus e da continuidade da vida após a morte, precisamos fazer uma distinção entre aqueles que pressupõem na reencarnação a explicação para tudo e aqueles que creem que a alma seja criada no instante do nascimento ou da fecundação. Na última hipótese, a criança que morre antes de seus primeiros passos seria muito sortuda, pois, não tendo feito bem nem mal, não pôde errar, ao passo que aquele que viveu até a velhice, tendo quase sempre cometido vários erros, talvez não tenha encontrado tempo para corrigi-los quando ainda vivo. Perguntamos que Deus seria esse que não daria mais chances ao indivíduo arrependido.

Não, nossas posições não se enquadram entre nenhuma dessas anteriores, senão naquela da doutrina da reencarnação, única na qual encontra razão e lógica que explique a tudo de forma clara e sensata. Então, diremos: o indivíduo que morre ainda enquanto criança é um Espírito, que apenas desfrutaria de mais uma encarnação com vistas a evoluir. Não tendo vingado o bebê, nascerá novamente em outras condições, continuando sua jornada evolutiva. Não há, para ele, nem vantagem nem desvantagem.

Resta saber se sua morte tem algo de útil ou mesmo de necessário. Em O Livro dos Espíritos, constam as seguintes perguntas e respostas:

> *345. É definitiva a união do Espírito com o corpo desde o momento da concepção? Durante esta primeira fase, poderia o Espírito renunciar a habitar o corpo que lhe está destinado?*
>
> *"É definitiva a união, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo. Mas como os laços que ao corpo o prendem são ainda muito fracos, facilmente se rompem. Podem romper-se por vontade do Espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Em tal caso,*

porém, a criança não vinga.”

346. Que faz o Espírito se o corpo que ele escolheu morre antes de se verificar o nascimento?

“Escolhe outro.”

a) – Qual a utilidade dessas mortes prematuras?

“Dão-lhes causa, as mais das vezes, as imperfeições da matéria.”

347. Que utilidade encontrará um Espírito na sua encarnação em um corpo que morre poucos dias depois de nascido?

“O ser não tem então consciência plena da sua existência; a importância da morte é quase nenhuma. Frequentemente é, como já dissemos, uma prova para os pais.”

É muito claro: estamos encarnados e, portanto, estamos sujeitos às leis da matéria. Ao mesmo tempo, a morte prematura é uma prova (e não um castigo, em nenhuma hipótese) para os pais, que podem adquirir uma experiência muito importante ao passar por essa experiência.

Aniversário de 165 anos da publicação de O Livro dos Espíritos

Hoje é aniversário da publicação de O Livro dos Espíritos.

Muitos ainda acham que se trata de um livro ditado por um Espírito; outros ainda acham que se trata de uma obra criada por Allan Kardec. Poucos sabem, contudo, que a primeira versão de OLE foi, em grande parte, obtida através de um estudo sistematizado e racional de inúmeras comunicação, obtidas de forma mais ou

menos sistemática e organizada, por outros estudiosos das comunicações mediúnicas – muitos deles espiritualistas racionais – antes mesmo de Kardec sequer sonhar em conversar com os Espíritos dos mortos.

Depois da primeira versão, onde Kardec buscou um sentido racional e concordante para o conteúdo apresentado, veio a segunda edição, quase três anos depois, e com praticamente o dobro do volume de perguntas, melhor organizada e distribuída. Essa segunda edição nasceu, sobretudo, após o estudo metodológico nascido de tudo aquilo (e mais um pouco) que é apresentado na Revista Espírita, entre 1858 e 1860, sendo que, com essa publicação, o objetivo de obter informações mediúnicas de todo o canto da Europa (e do mundo) foi muito bem atendido w reforçado.

Portanto, não, O Livro dos Espíritos não é uma obra religiosa ou filosófica, produzida por um indivíduo ou grupo: é, na verdade, uma obra produzida através de um método científico observacional e racional, e que nunca aceitou qualquer palavra dos Espíritos como uma revelação inquestionável. Aliás, sobre isso, Kardec afirma, na Revista Espírita (sobre a qual sempre recomendamos o estudo, por mostrar a face mais real possível da ciência espírita) de novembro de 1858:

> *"Repetiremos, pois, o que já dissemos a respeito, isto é, que quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, ela estava tão longe de nosso pensamento, que havíamos construído um sistema completamente diferente sobre os antecedentes da alma, sistema aliás partilhado por muitas pessoas. Sobre este ponto, a doutrina dos Espíritos nos surpreendeu. Diremos mais: ela nos contrariou, porque derrubou as nossas próprias ideias. Como se vê, estava longe de ser um reflexo delas.*
>
> *Isto não é tudo. Nós não cedemos ao primeiro choque. Combatemos; defendemos a nossa opinião; levantamos objeções e só nos rendemos ante a evidência e quando notamos a insuficiência de nosso sistema para resolver todas as questões relativas a esse problema"*

Há mais de 50 anos, dizia Herculano Pires:

> *Precisamos meditar para buscarmos a forma que nos falta de oferecer ao mundo a solução espiritual do problema social. De fazermos, enfim, que o espiritismo cumpra a sua missão histórica, vencendo a crise que o reduz, no*

> *momento, a uma luz bruxuleante em meio de densas trevas, a uma espécie de simples refúgio individual para as decepções e para as aflições humanas. Pois o seu destino, como assinalou sir Oliver Lodge, não é apenas o de consolar corações desalentados, mas o de rasgar para o mundo as perspectivas de uma nova era. Se a fé dogmática determinou o fanatismo religioso da Idade Média, com suas fogueiras sinistras, a fé raciocinada criará o positivismo religioso do terceiro milênio, com as piras da fraternidade acesas em todos os quadrantes do planeta. Porque, como já o dissera Kardec, a tarefa do espiritismo é a de elevar a Terra na escala dos mundos, transferindo-a da categoria expiatória para a de mundo regenerador. (PIRES, 1971)*

O que é que nós (não) estamos fazendo? Por que é que a filosofia espírita ainda não é amplamente (re)conhecida? Nessa busca por um norte, respondo, como uma vez me respondeu minha avó, em Espírito: “pelo menos estude”.

Os Talismãs

Neste artigo, Kardec desmistifica os talismas e medalhas

Letargia Extática – EQM – Experiência de quase Morte

EQM Experiencia de quase morte de uma senhora alguns dias antes de falecer realmente.

Os gritos na noite de São Bartolomeu

Mais um *causo* de interesse na época, embora ele tenha acontecido em **1572**. O massacre da noite de São Bartolomeu ou a noite de São Bartolomeu, foi um episódio, da história da França, na repressão ao protestantismo, engendrado pelos reis franceses, que eram católicos. Esses assassinatos aconteceram em 23 e 24 de agosto de 1572, em Paris, no dia de São Bartolomeu.[1] Estima-se que entre 5 000 e 30 000 pessoas tenham sido mortas, dependendo da fonte atribuída.

Oito dias após o Massacre de São Bartolomeu, gritos e gemidos terrificantes foram ouvidos "no ar", por inúmeras testemunhas. O barulho durou cerca de meia hora, e depois cessou. O próprio rei Carlo IX deve ter ouvido, pois apresentava ar sombrio, pensativo e desvairado.

Kardec traz o relato apenas para demonstrar a similaridade com o caso de Mademoiselle Clairon (fev/58) e e para demonstrar, mais uma vez, que os fatos espíritas sempre estiveram na nossa história.

DETALHES DE SEU ASSASSINATO

CAUSOS ESPÍRITAS – DETALHES DE SEU ASSASSINATO – Um aviso de além-túmulo

Platão e a Doutrina das Escolhas de Provas

Introdução as ideias de Sócrates e Platão que foram precursores da ideia cristã e do Espiritismo. de Allan Kardec